

Verbos possíveis*

Paulo Chagas de Souza**

1 A derivação sintática dos verbos em Hale & Keyser (1993, 1997)

A proposta de Hale & Keyser (1993, 1997, doravante H&K) com relação aos verbos derivados consiste de quatro pontos: 1) os verbos têm sempre uma estrutura complexa no léxico; 2) os verbos são complexos porque são formados por incorporação (por ex., há verbos denominais e deadjetivais); 3) operações sintáticas realizadas no léxico sujeitas às mesmas restrições que se aplicam a movimentos na sintaxe propriamente dita determinam quais verbos derivados são possíveis; 4) a estrutura argumental de um predicado e sua representação adequada são sintáticas (*lexical argument structure* ou *lexical relational structure*, doravante LRS).

Nessa perspectiva, os papéis temáticos são apenas rótulos derivados da posição sintática em que os NPs são realizados. Os princípios dessa "estrutura argumental" segundo H&K são os seguintes:

- Relações Gramaticais:
 - a) Complemento – o XP único que é irmão de um núcleo Y^o.
 - b) Especificador – o XP que é sujeito de um predicado YP.
 - c) Predicação – se verifica sob c-comando mútuo.
- Categorias:
 - a) V – toma um complemento XP e forma uma expressão de evento (dinâmico).
 - b) P – toma um complemento XP e forma um predicado.
 - c) A – é um predicado.
 - d) N – é a expressão de uma entidade.

* Este texto condensa parte de Chagas de Souza (2000), onde a rejeição de H&K (1993, 1997) fundamenta a opção por Pustejovsky (1995) para a análise da formação de verbos derivados e da ocorrência da alternância causativa. O espaço aqui não permite o detalhamento da proposta de Chagas de Souza (2000).

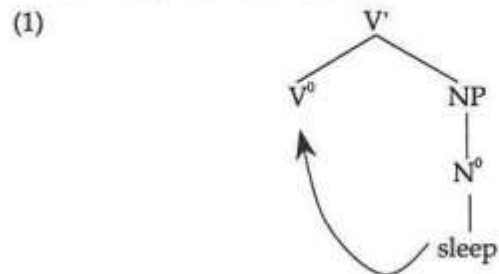
** USP.

P e A são predicados inerentes. Os Ns não são predicados e os verbos abstratos dependem de seus complementos para adquirirem a propriedade de serem predicadores ou não, isto é, os Vs abstratos são transparentes quanto à predicação de seus complementos: se seu complemento é um predicado, o V' será igualmente um predicado, ao passo que se o complemento do verbo não é um predicado, o V' também não será. Kiparsky (1997) resume a proposta de H&K com os seguintes princípios: 1) *Princípio de Interpretação Plena* (PFI): os predicados precisam ter um sujeito, e os sujeitos precisam ter um predicado; 2) *Projeções Não-Ambíguas*: toda categoria lexical X tem uma projeção não-ambígua, com uma disposição não-ambígua de seus argumentos (especificador e complemento); 3) *Princípio de Imediação* (PI): os sujeitos de predicados internos são necessariamente internos. Portanto, se uma projeção X⁰ contiver um predicado, ela terá que conter um sujeito.

1.1 Verbos inergativos (denominais imediatos)

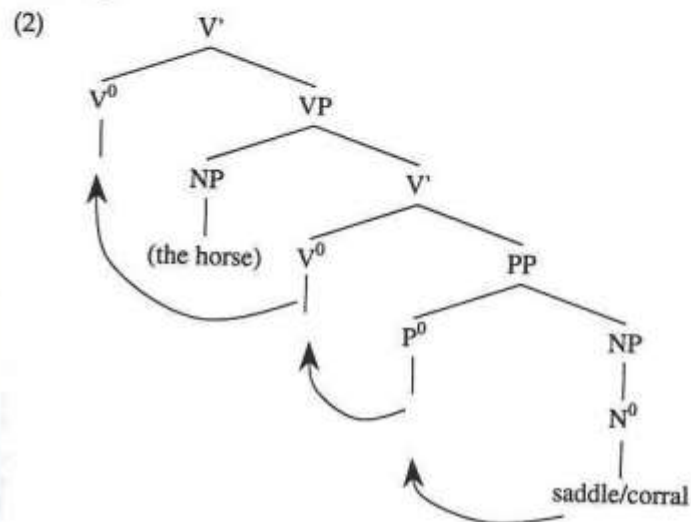
Se os Vs abstratos são transparentes às propriedades predicativas de seu complemento, e os Ns não são predicados, o V' projetado por um V abstrato que tem um NP como complemento também não pode ser um predicado e, por isso, não poderá haver um sujeito interno ao VP projetado por esse verbo. Assim, o sujeito que aparece na *s-syntax* (sintaxe propriamente dita) não é um argumento do verbo ou do NP que é complemento deste, mas sim do VP, aparecendo na posição canônica de predicação.

Verbos como *laugh* e *sleep* podem corresponder a uma construção V leve + N complemento (como *have a laugh/some sleep*). E sua derivação obedece à HMC:



1.2 Verbos locativos (denominais mediatos)

Os verbos como *saddle* ('sellar', 'pôr sela em') e *corral* ('pôr no curral') são denominais mediatos, segundo a nomenclatura de Chagas de Souza (2000), por serem Vs derivados de NPs que são complementos de Ps abstratas, ou seja, o V abstrato não toma o NP como complemento. H&K propõem a seguinte LRS de verbos desse tipo:

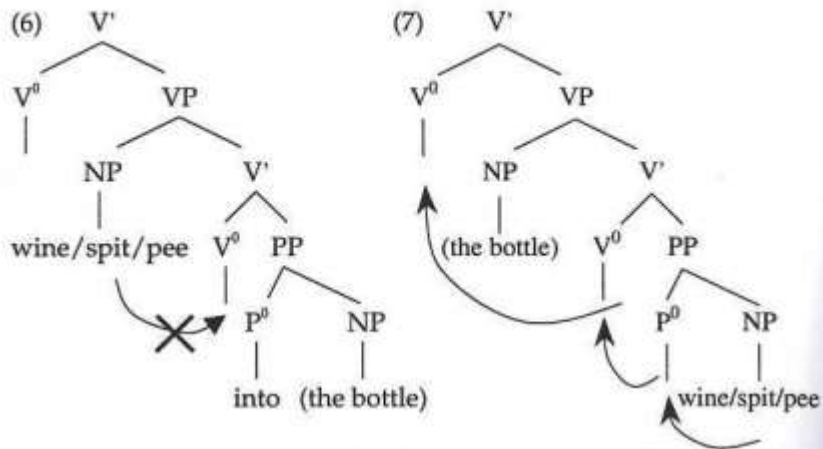


Corral tem uma preposição de coincidência terminal, isto é, denota o lugar para onde algo se desloca. *Saddle* tem uma preposição de coincidência central ("posse"), isto é, denota o objeto que se desloca para algum lugar. Para H&K, seria impossível a existência de verbos como:

- (3) * They wined into the bottles.
 * Eles vinharam nas garrafas. ('Eles puseram vinho nas garrafas.')

Mas esse é um tipo de verbo que ocorre no próprio inglês, como vemos em (4) e (5):

- (4) I spat into the bottle.
 'Eu cuspi na garrafa.'
 (5) The boy peed in(to) the bottle.
 'O menino urinou na garrafa.'



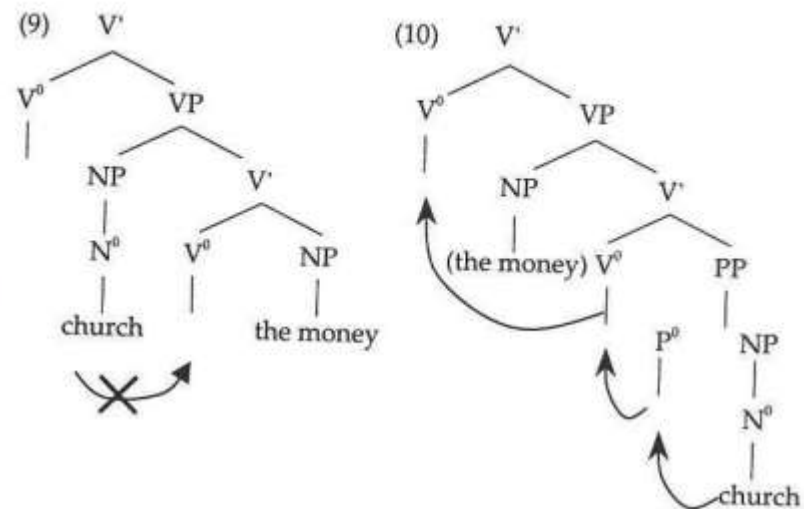
Postular uma preposição abstrata de coincidência central aparentemente solucionaria o problema.

Ficaria sem explicação o fato de o NP *the bottle* ter que aparecer com a preposição *in(to)*, já que não podemos dizer *I spat/peed the bottle* ('eu cuspi/urinei a garrafa') com o sentido relevante. A estrutura adequada é a proposta em (6), que tem um abaixamento ou *lowering*, algo não admitido pela teoria, o que acaba sendo mais um argumento contra a proposta desses autores.

Outro tipo de estrutura apresentada como impossível por H&K é a seguinte:

- (8) * They churched the money.
 * Eles igrejaram o dinheiro. ('Eles deram o dinheiro para a igreja.')

A estrutura em (8) deveria ser agramatical justamente por apresentar um abaixamento, analogamente ao que ocorre em (6). Essa derivação, contudo, supõe que um verbo desse tipo seja gerado a partir de uma preposição abstrata de coincidência central, o que faz com que o sujeito do VP interno (*church*) seja um possuidor. Mas esses Vs seriam perfeitamente deriváveis com a P abstrata de coincidência terminal (*to*), como em (10), o que faz com que *church* seja o lugar onde o dinheiro está:

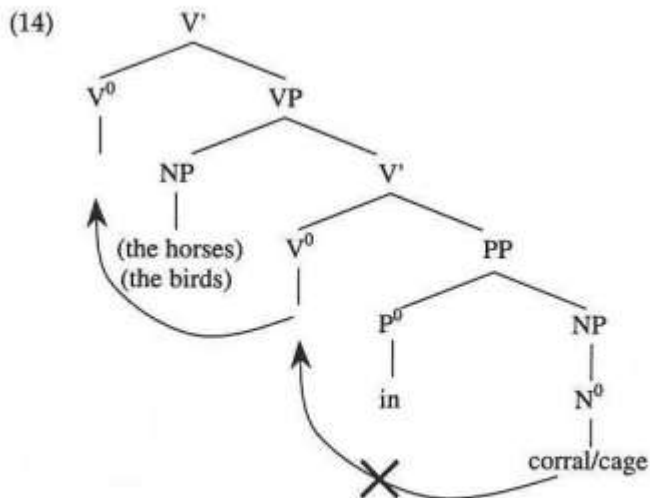


H&K (1997: 37) dizem claramente que as duas formas da alternância dativa, correspondentes às estruturas encontradas em (9) e (10), não são derivadas transformacionalmente uma da outra, portanto excluir a derivação em (10) acima seria uma solução *ad hoc*. Outro tipo de verbo que o sistema de H&K prevê como impossível é o seguinte:

- (11) * We corralled the horses in.
 Lit. Nós curralamos os cavalos em. (Nós pusemos os cavalos no curral.)

A HMC seria violada, pois *corral* teria se incorporado a um núcleo que não o que o c-comanda imediatamente, passando por cima do núcleo P⁰ e se incorporando ao V⁰ que o c-comanda. Mas (12) e (13) são contra-exemplos do próprio inglês. Em (14) vemos a derivação de (11) e de (12).

- (12) We caged the birds in.
 Nós engaiolamos os pássaros.
 (13) All the fields are snowed under.
 Todos os campos estão cobertos de neve.



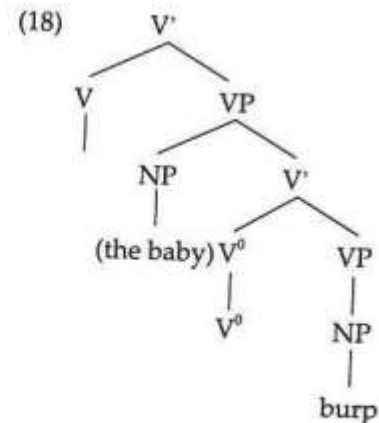
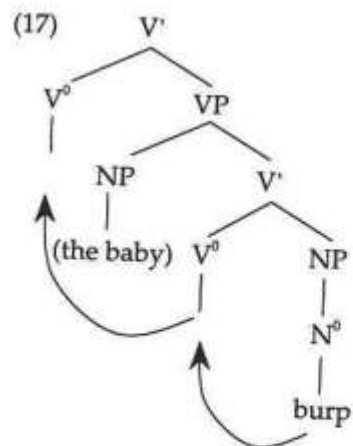
1.3 Restrição à recursividade verbal

A restrição à recursividade interna do lexema verbal, limitada a um VP interno, é tida como um resultado importante da análise de H&K. Contudo, consideremos (15) e (16):

(15) The baby burped. 'O bebê arrotou.'

(16) The doctor burped the baby. 'O médico fez o bebê arrotar (lit. arrotou o bebê).'

A hipótese de H&K cria um problema sem solução, já que, se admitirmos que na forma transitiva o NP *the baby* é gerado internamente ao VP, como vemos em (17), estaremos violando o PFI: esse é um verbo denominal imediato, não sendo, desta forma, um predicado, o que excluiria a existência de um SPEC preenchido no VP interno. Se considerarmos, por outro lado, em consonância com a proposta de que os verbos que têm um NP como complemento não podem ter SPEC na sintaxe lexical, que o NP *the baby* é gerado externamente ao VP interno, como em (18), estaríamos indo frontalmente contra a hipótese de limitação da recursividade de H&K.

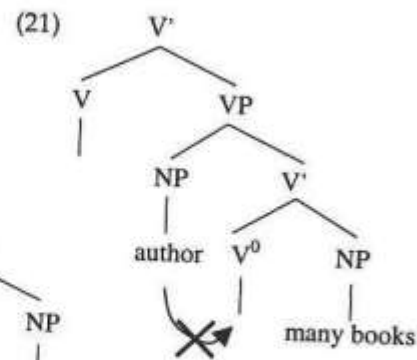
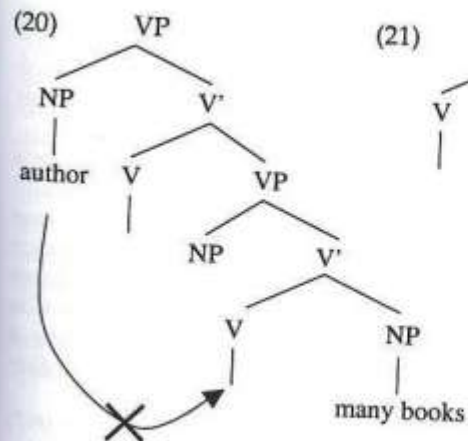


1.4 Verbos com incorporação de agente

A incorporação do agente, também considerada impossível por H&K, ocorre igualmente em inglês, como mostra (19), o que nos fornece uma última evidência de que a proposta não se sustenta.

(19) He authored many books.
'Ele foi autor de muitos livros'.

Nenhuma das duas derivações imagináveis para esse verbo, (20) ou (21), seria possível.



Em (20), o agente seria gerado como SPEC de um V lexical que tem um VP como complemento, fora do VP interno. Em (21), em que o agente seria gerado internamente ao VP interno, continuaríamos tendo o mesmo problema (o abaixamento do agente).

1.5 *Resumo*

A quantidade de problemas é tal que nos permite concluir que a proposta de H&K é inadequada: a estrutura argumental não é uma sintaxe semelhante à sintaxe propriamente dita e outros métodos de investigação são provavelmente mais adequados. Minha proposta é a de um quadro teórico que não tente reduzir a semântica lexical à sintaxe, mas que a considere autônoma, com primitivos e relações próprios, não redutíveis a configurações sintáticas.

2 **A derivação semântica dos verbos e o léxico gerativo**

A aquisição do léxico é o problema central a ser explicado na aquisição de linguagem, segundo Abney (1996). Outras propostas buscam explicar os padrões de lexicalização dos verbos e sua aquisição com base na semântica. Kiparsky (1997: 482), na esteira de Bierwisch (1967, 1983, 1986), Bierwisch & Schreuder (1992) e de Wunderlich (1997), propõe a seguinte explicação para a formação de Vs denominais: "Se uma ação recebe um nome baseado no nome de um objeto, ela envolve um uso canônico desse objeto." O problema com os nomes de agentes é que eles normalmente são derivados de verbos, mas, caso sejam primitivos, podem ser "incorporados" ao verbo, se houver um evento canônico relacionado a ele. É o que ocorre com o verbo *author*, 'compor, ser autor de'. O evento canônico associado a *author* é justamente o de um autor compor algo. Por isso são possíveis orações como (19).

Kiparsky (1997: 476) propõe também que "os verbos causativos denominais se referem a atividades genericamente intencionais". Combinando essas duas restrições, verificamos que essa proposta se aproxima de forma evidente do modelo do Léxico Gerativo de Pustejovsky (1995), em que os itens lexicais referentes a substantivos contêm em seus *qualia* informações a respeito dos eventos a ele relacionados: no *quale* tético, informações sobre a finalidade do objeto que eles designam; no *quale* agentivo, informações sobre sua origem.

Um último ponto que aproxima a proposta de Kiparsky (1997) para o papel do léxico à de Chagas de Souza (2000) é o uso de

defaults, como vemos nesta citação: "Os princípios de interpretação conceitual devem, então, ser considerados regras *default*, que regem a interpretação de um item lexical, a não ser que outras informações a impeçam especificamente" (p.477).

Consideremos agora os verbos denominais, limitando a discussão àqueles que são claramente derivados de nomes de objetos/indivíduos e que não designam eventos. Diferentemente de H&K, distingo, portanto, substantivos de dois tipos:

- (22) pulo – pular [não considero denominais, e excluo, portanto, da análise]
(23) planta – plantar [considero denominais, e incluo, portanto, na análise]

Desconsiderando a inadequação da proposta de H&K, verifiquemos os tipos de verbos denominais possíveis em seu sistema, ou seja, vejamos quais são os tipos de verbos que podem ser gerados a partir de um N, por ex., *piloto*. Dado um substantivo do qual se deriva um verbo, qual das interpretações possíveis ele assume? Ou, numa formulação mais à moda desses autores: quais desses verbos possíveis realmente ocorrem? Teríamos em princípio as seguintes interpretações possíveis para o verbo *pilotar*: 1) pôr algo no piloto [denominal mediato com P de coincidência terminal]; 2) pôr o piloto em algum lugar ou fazer algo ter um piloto/pilotos [denominal mediato com P de coincidência central]; 3) fazer/produzir um piloto [denominal imediato]; ou 4) ser o piloto de algo ou agir como piloto.

Há um problema acentuado de geração excessiva. Seria possível restringir quais as interpretações possíveis ou, pelo menos, como em Chagas de Souza (2000), quais as interpretações *default* dos verbos denominais? Os mecanismos de derivação de verbos a partir de substantivos não são cegos, tomando qualquer substantivo aleatoriamente e produzindo verbos com qualquer um dos significados possíveis. Há tendências bastante fortes que podem ser detectadas e dão sustentação a um modelo como o Léxico Gerativo de Pustejovsky, que não considera os itens lexicais como átomos semânticos, mas como elementos complexos que contêm diversos tipos de informação.

Como mostra Pustejovsky (1995), as informações subjacentes contidas nos itens lexicais guiam a interpretação dos eventos sobre os quais os verbos aspectuais operam:

- (24) Eu comecei o livro. > (Eu comecei a ler o livro ∨ Eu comecei a escrever o livro).¹

Da mesma forma, considero que informações lexicais guiam a interpretação de novos verbos formados a partir de substantivos. Ou seja, a derivação não manipula elementos formais, mas é guiada por um processo baseado em elementos com conteúdo semântico. Assim, de *piloto* é derivado o verbo *pilotar*. Vejamos alguns verbos denominais (uso o sinal Δ para indicar derivação):

- | | |
|------|---|
| (25) | piloto (Δ pilotar)
formal = pessoa
télico = guiar
agentivo = capacidade de guiar (intensional) |
| (26) | alfinete (Δ alfinetar)
formal = artefato
agentivo = fabricar
télico = espetar |
| (27) | carimbo (Δ carimbar)
formal = artefato
agentivo = fabricar
télico = marcar |

Apenas um dos significados disponíveis se realiza numa determinada situação. O substantivo *piloto* designa pessoas, que são os agentes prototípicos. Nesse caso, é privilegiado para ativação o *quale* que contenha um evento do qual a pessoa designada pelo substantivo seja o agente. No caso de *pilotar*, temos o evento de guiar disponível no *quale* télico. Os substantivos *alfinete* e *carimbo* denotam artefatos com uma função de instrumento, como vemos nos seus *qualia*. É importante observar que *carimbar* não significa apenas 'pôr o carimbo em alguma coisa', mas sim 'usar o carimbo para transferir uma imagem'. Pôr o carimbo/alfinete no bolso não é o mesmo que carimbar/alfinetar o bolso. Ou seja, é necessário haver causalção imediata ou direta.

¹ O sinal > indica implicação por *default*.

Um último ponto que cabe assinalar é o fato de que nem todo verbo derivado tem interpretação composicional. Por ex., o significado de *encerar* e, por conseguinte, seu comportamento sintático, é muito mais previsível com base em suas partes que o de *embananar*, e qualquer teoria do léxico terá que distinguir esses casos.

Referências

- BIERWISCH, Manfred (1967) Some Semantic Universals of German Adjectivals. *Foundations of Language* 3, 1-36.
- . (1983) Semantische und Konzeptuelle Repräsentation Lexikalischer Einheiten. Em W. Motsch e R. Ružička, orgs., *Untersuchung zur Semantik*, 61-99. Berlin: Akademie-Verlag.
- . (1986) On the Nature of Semantic Form in Natural Language. Em F. Klix e H. Hangendorf, orgs., *Human Memory and Cognitive Capabilities*, Parte B, 765-783. Amsterdam: Elsevier (North-Holland).
- e R. SCHREUDER (1992) From Concepts to Lexical Items. *Cognition* 42, 23-60.
- CHAGAS DE SOUZA, Paulo (2000). *A Alternância Causativa no Português do Brasil: Defaults num Léxico Gerativo*. Tese de Doutorado, USP, São Paulo.
- HALE, Kenneth e S. J. KEYSER (1993) On Argument Structure and the Lexical Expression of Semantic Relations. Em K. Hale e S. J. Keyser, orgs., *The View from Building 20*, 53-109. Cambridge (EUA): MIT Press.
- e S. J. KEYSER (1997) On the Complex Nature of Simple Predicators. Em Alex Alsina, Joan Bresnan e Peter Sells, orgs., *Complex Predicates*, 29-65. Stanford: CSLI Publications.
- KIPARSKY, Paul (1997) Remarks on Denominal Verbs. Em Alex Alsina, Joan Bresnan e Peter Sells, orgs., *Complex Predicates*, 473-499. Stanford: CSLI Publications.
- PUSTEJOVSKY, James (1995) *The Generative Lexicon*. Cambridge (EUA): MIT Press.
- WUNDERLICH, Dieter (1997) Cause and the Structure of Verbs. *Linguistic Inquiry* 28, 27-68.